A VERDADE DO POÉTICO EM HEIDEGGER: O PRIMORDIAL ENTRE A ARTE E A LINGUAGEM[*]

THE TRUTH OF THE POETIC IN HEIDEGGER: THE PRIMORDIAL BETWEEN ART AND LANGUAGE

Genildo Barbosa de Lima[**]

RESUMO
O presente texto busca compreender a verdade do fenômeno do poético na arte e na linguagem a partir da ontologia fundamental desenvolvida por Martin Heidegger, sobretudo nos textos *Hinos de Hölderlin* (1934/35) e *A origem da obra de arte* (1935/36). Ao fenômeno do poético se reservam possibilidades na arte e na linguagem. Aquele, por sua vez, não se restringe ao gênero específico da poesia, antes, trata da essência que faz parte do próprio fazer artístico como um todo. Assim, cabe indagar: o que a arte e a linguagem carregam genuinamente em comum em direção à verdade do poético? E, em que medida o aparecimento dessa verdade pode constituir uma experiência estética fundamental no horizonte existencial de Ser-aí (*Dasein*)? Para tanto, busca-se analisar e relacionar os conceitos e palavras fundamentais (arte, linguagem, poética, verdade) compreendendo que, em sua ontologia fundamental, Heidegger estabelece um aceno à ideia primordial do poético da arte, o qual se analisa aqui ao tratar do tema da linguagem enquanto parte da questão da essência da arte.
PALAVRAS-CHAVE: arte; verdade; linguagem; poética; ontologia fundamental.

ABSTRACT
This text seeks to understand the nature of the poetic phenomenon in art and language based on the fundamental ontology developed by Martin Heidegger, particularly in the texts: *Hymns of Hölderlin* (1934/35) and *The Origin of the Work of Art* (1935/36). The phenomenon of the poetic holds possibilities within art and language. This phenomenon, in turn, is not restricted to the specific genre of poetry; rather, it concerns the essence that is part of artistic creation as a whole. Thus, it is worth asking: what do art and language genuinely share in common in relation to the truth of the poetic? And to what extent can the emergence of this truth constitute a fundamental aesthetic experience within the existential horizon of *Dasein*? To this end, we seek to analyze and relate the fundamental concepts and terms (art, language, poetics, truth), understanding that, in his fundamental ontology, Heidegger alludes to the primordial idea of the poetic in art, which is analyzed here by addressing the theme of language as part of the question of the essence of art.
KEYWORDS: art; truth; language; poetics; fundamental ontology.

[*] Artigo recebido em 31/05/2026 e aprovada para publicação em 10/07/2026.
[**] Mestre em Filosofia pela UFPBP. Licenciado em Artes Visuais pela mesma Universidade. E-mail: lima.genildo@outlook.com.

INTRODUÇÃO

A poesia, como obra da linguagem, é o exercício mais primitivo do pensamento. Heidegger afirma a "poesia primordial" *(Urpoesie)* como o originário entre a poesia e a linguagem. A poesia é a preservação da arte no limiar da experiência do pensamento; trata-se da possibilidade de abertura para a poesia primordial da linguagem que se encontra na produção de todas as expressões artísticas, visto que todas as artes são originariamente poéticas. À poesia fica destinado o poder de preservação e constituição da historicidade de um povo por meio da linguagem e na linguagem.

Se no princípio da filosofia de Heidegger a linguagem parece desempenhar um papel de menor destaque na recuperação da questão do ser, depois do chamado "ponto de virada" esse assunto torna-se cada vez mais decisivo. A esse respeito, tanto em *Ser e tempo*, quanto nos textos que gravitam em torno de outras questões centrais, a linguagem é constitutiva do *Dasein*, pois em sua abertura se articula em significações para dar sentido ao mundo.

Como será mostrado mais adiante, é justamente esse caráter instituinte e de abertura atribuído ao dizer, em relação ao ser e ao mundo, que constitui o cerne da nova concepção de linguagem em Heidegger, que ele amadurece após o tratado (*Ser e tempo*). Antes, porém, de continuar com a análise da experiência distinta da linguagem, a partir da poesia, se faz necessário realizar um breve esclarecimento a respeito do interesse que encaminha a filosofia de Heidegger para uma mudança determinante na compreensão da linguagem.

1 ENTRADA NAS POSSIBILIDADES DO POÉTICO EM RELAÇÃO À LINGUAGEM

Um motivo significativo que fez com que o filósofo buscasse uma nova perspectiva sobre a linguagem está relacionado à interrupção da publicação da terceira seção da primeira parte de *Ser e tempo*, sem a qual esta obra permaneceu incompleta, e a questão da linguagem apareceu pouco explorada em relação à compreensão do ser no âmbito da analítica existencial (Heidegger, 1973a, p. 354).

Inverso ao pensamento de Heidegger, o sentido da linguagem com que a metafísica tradicional tratou a questão do ser não é mais apropriada para o aparecimento do próprio ser e nem para corresponder ao seu questionamento. É a partir da renúncia da metafísica estabelecida que o filósofo elabora a sua transformação enquanto "virada" ontológica,

estabelecendo nova compreensão da linguagem. Esta entrelaça o contato entre filosofia e poesia, caso tratado, sobretudo, a respeito da obra poética de Hölderlin, cujo trabalho literário se enraíza em uma poética reflexiva e questionadora, e que desperta o interesse na poesia também como pensamento reflexivo. O que acontece na "virada" ontológica no que diz respeito à linguagem?

A concepção da linguagem como *adequação*, característica da tradição metafísica, é forçada a ceder lugar à linguagem poética, que tem como cerne de sua constituição o caráter aberto da poesia. Esse caráter aberto faz referência ao termo grego *poiésis*, que comumente é traduzido por poesia, mas em sentido originário remete também àquilo que produz sentido, a força responsável por trazer à luz o que se encontra escondido, oculto, velado. A poesia como modo de conceber o desvelamento será analisada pela primeira vez em *A origem da obra de arte*, de 1936, em que "pensamos aqui a poesia num sentido tão vasto e, ao mesmo tempo, numa unidade essencial tão íntima com a linguagem e a palavra, que a questão de saber se a arte esgota a essência da poesia tem de permanecer em aberto" (Heidegger, 1998, p. 79). A linguagem é, assim, poesia no sentido mais originário de desvelar, de trazer à luz o significado, isto é, de estabelecer um mundo. É por esse fenômeno de esclarecimento do ser que todas as artes são primordialmente poéticas.

Ao pensarmos alguns gêneros artísticos, como a arquitetura e escultura, são também modos poéticos que propiciam em sua época a iluminação do ser, e cuja historicização ocorre pela e na linguagem; quer dizer, a essência poética da obra, que em sua abertura institui um mundo significado e significante. Mas deve-se então buscar compreender o que é a essência da poesia (?) sem a qual continuamos na subjetivista definição comum do poético como 'expressão interior da alma humana'. A saber, Heidegger (2004, p. 36) ressalta algumas rejeições à definição essencial do poético:

> 1. Que o poema não é a estrutura linguística apenas existente, dotada de características de sentido e beleza. 2. Que a poesia não é o processo interior pelo qual se produzem poemas. 3. Que a poesia não é a 'expressão' linguística de vivências interiores. Realmente, o poema e a poesia são, também, tudo o que acabamos de enunciar. No entanto uma tal concepção falha rotundamente a sua essência.

A partir dessas análises, o caráter de abertura e de instituição de mundo que caracteriza a obra poética é genuinamente atribuída à linguagem. Logo, o que a linguagem revela é a elaboração de sentido sobre o conjunto dos *entes* que constituem o *mundo* e, portanto, o *ser*

dos entes enquanto ser. O Ser-aí não experimenta o modo de revelação de nenhum ser onde não há linguagem em seu modo essencial.

Como ocorre a possibilidade dessa abertura de mundo com o fenômeno do poético? Ela se oferece a partir do Ser-aí histórico, que está fundamentalmente relacionado à linguagem, uma vez que ela é a "condição" para a fundação da história do homem em cada época. Nesse nexo, a respeito da poesia e da linguagem como estrutura fundamental do ser-aí histórico, Heidegger (2004, p. 70) adverte que a linguagem não é mera capacidade que o Ser-aí possui, pois:

> A poesia é a estrutura fundamental do ser-aí histórico, e tal significa agora: a língua enquanto tal constitui a essência originária do ser histórico do homem. Não podemos começar por definir a essência do ser do homem e, a seguir, acessória e posteriormente, atribuir-lhe a língua como acrescento, pois a própria língua é a essência originária do seu ser. Agora, já se nos torna mais fácil compreender que não é acaso nenhum se, ao colocarmos a questão sobre a nossa identidade, somos remetidos para nos aventurarmos no diálogo da poesia. A poesia e a língua, aqui, não são duas coisas distintas, visto que ambas são a mesma estrutura fundamental do ser histórico.

A linguagem abre para o sentido de mundo que se encontra em constantes mudanças de rumo, de acontecimentos e encargos, como também de fatalidades, decadências e desordens, e que por sua natureza enraizada no que há de mais primordial do Ser-aí, ela o torna possível em sua historicidade.

Tal abertura de mundo é, portanto, constitutiva da própria linguagem, que põe o homem na abertura do ser e não deve ser interpretada como um dado instrumento a serviço da comunicação humana. A linguagem da poesia é, assim, instituição[1] do aparecimento do ser, este que, por sua vez, tem a abrangência de todos os entes enquanto história de um povo. Heidegger analisa essa essência da poesia como instituição tomando como exemplar um trecho do poema "Empédocles" (1826) de Hölderlin, no fragmento denominado *A morte de Empédocles* em que duas sacerdotisas, Panteia e Reia, conversam a respeito do seu luto sobre o pensador e poeta morto.

[1] Ressalta-se o sentido desta palavra segundo Heidegger (2004, p. 202-203) a usa: "Instituir e instituição têm, aqui, um significado intrinsecamente duplo: por um lado, instituir significa projetar aquilo que ainda não é na sua essência, antecipadamente e pela primeira vez. Se este instituir, enquanto poesia, for um dizer, isso significa simultaneamente: transpor o projeto para a palavra – colocá-lo no ser-aí de um povo como dizer (*Sagen*) e dito (*Gesagtes*), como fábula (*Die Sage*) e assim colocar esse ser-aí pela primeira vez de pé, fundá-lo. Por outro lado, fundação significa: colocar de parte e a salvo o que foi desta forma, por assim dizer, predito e fundado, como uma recordação permanente da essência aberta do Ser, recordação essa em cuja direção o povo tem de voltar sempre a pensar".

Nessa passagem, Heidegger destaca um verso: "Sófocles! Ao qual, de todos os mortais/apareceu primeiro a mais bela natureza das virgens/e se colocou, para recordação pura/na sua alma". Ali, de modo originário, "pela primeira vez", se revelou para Sófocles a natureza da *physis*, o ser, a partir da beleza (do feminino). A essência de tal recordação desse ser foi salva poetizando-a no poema, na linguagem. Ora, apesar da particularidade do gênero poético à escrita, também não é por essa via poética que os artistas "resguardam o essencial" na arte, seja qual for a modalidade? E, portanto, podemos novamente compreender o fenômeno poético como revelação, desvelamento?

A partir dessa concepção de linguagem, podemos nos atentar para a linguagem poética como um "mostrar", fazer aparecer um mundo para o Ser-aí. A linguagem, como esse mostrar, é possível porque seu modo não é, como vimos, um mero significar, mas uma indicação, um aparecimento. Ela não transmite um sentido já pré-determinado pela compreensão, como é o caso da ideia de linguagem[2] em *Ser e tempo,* de 1927, mas é antes de tudo um acontecimento de indicação e "exposição" do ser, aquilo que faz com que o desvelamento do ser seja. De modo que as coisas não estão ausentes na linguagem, é a linguagem que aparece como ser para as coisas.

Uma vez que consideramos o caráter instituinte da linguagem e sua "criação" de mundo, se faz necessário perguntar como essa constituição se realiza, ou seja, como a linguagem pode, ao nomear, trazer à luz o *ser*. Ao comentar um verso do poeta Georg Trakl[3], Heidegger (2003, p. 15-16) nos oferece um esclarecimento sobre isso:

> O que é esse nomear? Será apenas atribuir palavras de uma língua aos objetos e processos conhecidos e representáveis como neve, sino, janela, cair, tocar? Não. Nomear não é distribuir títulos, não é atribuir palavras. Nomear é evocar para a palavra. Nomear evoca. Nomear aproxima o que se evoca. Mas essa aproximação não cria o que se evoca no intuito de firmá-lo e submetê-lo ao âmbito imediato das coisas vigentes. A evocação convoca. Desse modo, traz para uma proximidade a vigência do que antes não havia sido convocado. Convocando, a evocação já provocou o que se evoca. Provocou em que sentido? No sentido da distância onde o evocado se recolhe como ausência.

[2] Heidegger lida com o conceito de linguagem equiparando-o aos existenciais fundamentais de "disposição" e o "compreender". A esse respeito, ele ressalta que: "o fundamento ontológico-existencial da linguagem é a fala [...] Do ponto de vista existencial, a fala é igualmente originária à disposição e ao compreender. A compreensibilidade já está sempre articulada, antes mesmo de qualquer interpretação apropriadora" (Heidegger, 2015, p. 223).

[3] Georg Trakl, poeta austríaco, comumente associado ao expressionismo, nasceu em Salzburgo, Áustria, 1887-1914.

O evocado reúne o que reside à distância sem, no entanto, anular sua ausência. Nesse caso, essa aproximação com o que está distante não significa que o ser chamado pela palavra seja trazido para o fisicamente presente. Nesse ponto, Heidegger toma como exemplo a descrição das características do cair da neve à tarde no poema de Trakl. A sensação térmica e a dinâmica do temporal estão aqui conosco a partir do chamado da poesia. Todavia, ao mesmo tempo, esses elementos certamente não estão aqui presentes. A linguagem chama, faz aproximar-se, sem, no entanto, presentificar aquilo que evoca, fazendo também com que essa distância entre o chamado e a coisa não seja uma ausência total.

Nesta dinâmica da evocação – que aproxima, mas mantém o distanciamento – reconhecemos o poder evocativo da linguagem. Essa dinâmica, portanto, não é a mesma que rege a lógica da linguagem da ciência ou da metafísica tradicional que busca tornar o ser presente, mas, antes, é a linguagem que deixa toda vez que o ser do ser venha a se mostrar no que é.

A partir do poético, e sua força de "chamar" as coisas em sua essência, abre-se um mundo em cujo céu, a terra, os mortais e o divino habitam. O que isso quer dizer? Em sua essência, o fenômeno do poético, uma vez que deixa a linguagem ser propriamente linguagem, proporciona ao Ser-aí uma experiência originária, ou seja, o caráter de desvelamento do poético.

Essas relações entre linguagem e mundo, assim apresentadas, compõem uma verdadeira mudança na relação entre linguagem e sentido, estabelecida por Heidegger em *Ser e tempo*. Naquele tratado, o filósofo considera que o nexo entre a linguagem e a significação ocorre a partir de uma justaposição da palavra sobre o mundo, sendo um modo que acaba conformando a palavra a um nível secundário em relação aos significados já revelados pelo compreender.

Com a "virada" em sua forma de conceber suas reflexões a respeito da linguagem – dentre outras temáticas fundamentais – torna-se a própria linguagem aquilo que revela, que mostra e ocasiona à existência os significados na totalidade do mundo. A partir desse ponto, não podemos mais considerar a linguagem como um modo acessório, proveniente da experiência, mas uma maneira própria pela qual o Ser-aí experimenta o mundo, relacionando-se com o ser em sua essência.

2 A ESSÊNCIA DA POESIA COMO CRIAÇÃO ORIGINÁRIA

Assim, fica entendido que a linguagem, enquanto instituição da historicidade de um povo, é o seu bem mais valioso. Como podemos refletir sobre a questão da essência da poesia a partir dessa consideração? De antemão, a partir da concepção que Heidegger faz da relação entre a linguagem e a poesia, já compreendemos que a poesia não carrega a linguagem como matéria de sua composição, mas é a partir da própria expressão poética que a linguagem se torna possível. A poesia, como essência originária, precede a linguagem. Essa questão a respeito da essência da poesia nos remete à essência da linguagem, pois a linguagem originária se revela como o dizer que situa o ser e a essência das coisas do mundo.

Ao compreender essa relação fundamental, Heidegger estabelece uma modificação em seu método fenomenológico, que passa a considerar a escrita e a análise poética como possibilidades de falar sobre o ser das coisas, bem como dos fenômenos. Com isso, ele enfatiza a poesia como cerne de sua investigação, porém não restringe o significado da essência da poesia apenas à literatura como arte, pois a poesia é usada na acepção de *Dichtung*[4].

No intuito de indagar a procedência etimológica do verbo *dichten*, em relação à *Dichtung* (*Poesia*), Heidegger vincula o seu sentido a um antigo termo do alto alemão, *tihtôn*, que não obstante, se liga com o latino *dictare*, que enfatiza uma forma de *dicere*, significando "dizer", recitar, formular algo no fenômeno da linguagem, seja uma carta, uma tratado, um poema, uma citação, uma canção ou qualquer outra expressão dessa natureza. Tudo isso significa "ditar", um tipo de construção que usufrui o recurso da linguagem.

Desse modo, o verbo *dichten* deriva-se do grego *poiein, poíesis* (*ποίησις*) que, por sua vez, quer dizer "aquilo que colocar à vista", "fazer manifesto a sua expressão", ou simplesmente, "*mostrar*". Em todo caso, a *poíesis* busca garantir que algo apareça naquilo que lhe é mais próprio. Uma vez que põe algo à vista, ou seja, que o torna evidente, entra em cena sempre uma atitude poética e produtiva. Esse "*mostrar*" é o que, em sentido estrito, os gregos chamam de *deiknyini (δεικνύηνη).*

Os termos "poesia" e "poético" se referem originalmente à produção ou criação como aquilo que é "feito", nesse caso, aquilo que é revelado à luz para ser visto. Assim, na compreensão profunda da palavra *Dichtung,* voltamo-nos para a definição original da palavra

[4] Esse significado se refere à palavra grega *ποίησις* e, com isso, significa uma determinada ação criativa e produtiva (Heidegger, 2004).

latina *producere*, que se refere ao "trazer à realização", uma 'produção', uma edificação ou expansão de algo em plenitude da sua essência que traz à luz aquilo que se encontra oculto.

Do outro verbo também analisado, *dichten*, Heidegger o denota, essencialmente, como um "ditar", como aquilo que se "abre" e proporciona uma nova circunstância. A essa abertura reserva-se o fenômeno do poético como aquilo que ilumina e mostra algo que antes não era discernível. Assim, a poesia como *Dichtung* não se refere somente a construções linguísticas em prol de significado e beleza, nem meramente a representações e expressões de condições psíquicas, ela é o fenômeno que, por meio de um *dizer* iluminador, favorece o aparecimento de algo, dirige-o para se deixar mostrar.

A *Dichtung* se revela essencialmente para Heidegger como "fundamento", como aquilo que pode "instituir o ser", pois seu caráter é da ordem do estabelecer, que por sua vez carrega o duplo sentido tanto daquilo que se apresenta como uma fundação, como uma concessão.

Nessa perspectiva, para Heidegger, o poeta é um artista singular que, com sua produção, concede à luz para o mostrar-se do ser na fundação de sentido de mundo para a história de um povo. Em *Die Sprache im Gedicht. Eine Erörterung von Georg Trakl Gedicht* (1952), traduzido na edição brasileira *A caminho da linguagem* (2003) por *A linguagem da poesia*, ao analisar um trecho de verso de Trakl (*'Abend wechselt Sinn und Bild/'A tarde muda sentido e imagem'*) Heidegger (2003, p. 41) diz:

> O brilho do aparecer, dito em suas visões (imagem) pelos poetas, transparece de outro modo nesse entardecer. O que está sendo no vigor de ser, seguido na sua invisibilidade pelo pensamento dos pensadores, chega com outras palavras nesse entardecer. A partir de uma outra imagem e outro sentido, a tarde transforma o dizer da poesia, do pensamento e a saga de seu diálogo. A tarde só o consegue porque ela mesma sofre uma mudança. No entardecer, o dia se põe num poente que não é nenhum fim, mas somente a inclinação para preparar aquele declínio pelo qual o estrangeiro adentra o começo de sua travessia. O entardecer da tarde muda sua própria imagem e seu próprio sentido. Nessa mudança esconde-se uma despedida da ordem até agora predominante dos tempos próprios aos dias e anos.

Por meio de sua criação poética e de seu pensamento, o poeta participa do fenômeno de uma revelação indicadora. A obra realiza a extração de uma fonte profunda e oculta, criando e salvaguardando aquilo que é trazido à luz. Assim, podemos considerar que a obra é instituição, proteção e cuidado do ser que a *Dichtung* torna possível. Nesses termos, o poeta cumpre uma associação necessária entre o pensamento e a criação poética em favor da obra, e

é no caminho do questionamento a respeito da essência da poesia que se deve interrogar como isso ocorre (?).

O poético é similar ao acontecimento fundamental do Ser-aí histórico, que, pela linguagem, institui mundo ao abrir-se em seus sentidos mais originários. Poesia, em seu dizer poético, é primordialmente linguagem, todavia, a linguagem abrange também o dizer pensante. O que acontece, então, na relação entre ambos? Sobre essa constatação, Heidegger (2003, p. 47) diz:

> O que se passa com o dizer poético, acontece de forma análoga – e não igual – com o dizer pensante da Filosofia. Numa verdadeira aula de Filosofia, não importa realmente o que é dito de uma forma imediata, mas sim o que é calado neste dizer. [*O termo 'calar', aqui, traduz o neologismo heideggeriano erschweigen, não sendo sinónimo de 'silenciar', mas significando aproximadamente 'elaborar e transmitir pelo silêncio, nas entrelinhas' N.T.*]. Por conseguinte, podemos escutar e apontar aulas de Filosofia sem dificuldade, e mesmo assim podemos passar o tempo a ouvir mal – e isso não no sentido aleatório de compreendermos de modo incorreto certas palavras e certos termos isolados, mas no sentido fundamental de ouvirmos mal na essência, de nunca repararmos de quê e para quem realmente se fala.

É fundamental perceber que a criação fundadora da *Dichten* e do pensamento (*Denken)* mantém entre si a condição de instituir algo, isto é, por meio da linguagem, mostrar algo com clareza necessária. Em seu significado originário, ambas compartilham e estão ligadas à essência da linguagem, que os gregos antigos relegavam ao termo *lógos (λόγος)*. Tanto o dizer poético quanto o dizer pensante são caminhos originários que levam ao *λόγος*.

Em *Ser e tempo* (§ 7), ao buscar esclarecer o estudo sobre o conceito da fenomenologia, Heidegger se aproxima dos termos gregos de λόγος e φαίνεσθαι. O *faínesthai* (*φαίνεσθαι)* tem a função representativa de revelar, mostrar algo. A função da linguagem, enquanto lógos, é demonstrar algo, conduzindo-nos ao enxergar. Nesse sentido, o lógos tem a forma de *faínesthai* ao buscar mostrar algo em seu ser, cuja capacidade direcionadora consiste em revelar o que no ente se oculta. O lógos, portanto, permite conhecer o que ele mostra, que nele mesmo se reúne e se compreende. Assim, a poesia, a linguagem e o pensamento estão, originariamente, interligados pelo fenômeno da revelação, do desvelamento.

3 O MODO POÉTICO COMO VIABILIDADE AO PRÓPRIO DA LINGUAGEM

Ao pensar o sentido do poético, para além da palavra escrita, do som e da imagem, ou seja, da sua representação formal, somos impelidos a refletir também sobre o próprio da linguagem enquanto aquilo que já desde sempre nos caracteriza e abriga. Embora a

composição de signos possa se organizar e definir enunciados na direção da comunicação, ainda permanece ignorado o vigor da linguagem.

A partir disso, duas interposições se esboçam neste ponto desta reflexão: I - O que se pode compreender como sendo "o próprio da linguagem"? II - Que relações o próprio da linguagem mantém com o poético? Considera-se aqui a relação entre a linguagem e a fala para adentrar no emaranhado de causas próprias da linguagem e suas correlações com o poético.

A fala designa o ato de articulação de sons na comunicação, mas não raro pode-se ainda dizer algo quando o silêncio for também a nossa condição imediata. Ao traduzir e comentar parte do tratado de Aristóteles (*de interpretatione*, sobre o enunciado), Heidegger (2003) interpela à nuance que compreende a fala como um mostrar, um fazer aparecer, da fala com aquilo de que se fala, antecipando o seu modo de desencobrimento (um fazer aparecer da verdade enquanto desvelamento, no grego antigo, *alétheia)*.

No período clássico, os gregos atribuíram ao signo essa experiência do mostrar, que em seguida, no período helenístico, ocorre uma modificação, e o signo assume o aspecto de elemento que faz referência ao ente, assinala e designa, por meio de uma representação, mas não equivale ao mostrar no sentido da essência da verdade de um ente.

Conforme a entendimento de que o próprio da linguagem se oferece a partir da fala, Heidegger toma como princípio dessa reflexão a obra de Wilhelm von Humboldt[5], *Sobre a diversidade da estrutura da linguagem humana e sua influência sobre a evolução espiritual da humanidade* (1836), considerando-a um profundo vislumbre sobre a essência da linguagem.

Ao que a fala assinala em Humboldt? Como articulação sonora a fala é vigência. Ela exerce o trabalho consolidado e passageiro da linguagem, ainda que manifesta na forma de escrita possui um caráter incompleto, mas não menos importante como registro de sua passagem. Pois como ato em trânsito, a linguagem diz respeito sobretudo à busca do espírito em expressar com fidelidade o pensamento, sempre por meio de elementos emprestados à fala na direção de sua origem.

Nesse sentido, a linguagem para Humboldt é uma produção, cujo caráter é dar-se no interior do espírito como aquilo que se conformará no designar e representar. Mas Heidegger sugere que o modo da linguagem como designação e representação das coisas deve ser

[5] Wilhelm von Humboldt (Potsdam, 1767-Tegel, 1835), foi um filósofo, diplomata e reformador educacional alemão. Contribuiu significativamente para os estudos da linguagem no século XX.

substituído pelo modo do desencobrimento, o que não por acaso também caracteriza o modo poético. Esse fenômeno que chamamos de modo poético é elaboração e encaminhamento de mundo conduzido àquilo que geralmente se encontra velado, e que a priori, não configura ou designa um *modus* ou forma.

A partir da linguagem como um modo de visão de *mundo*, o ente que nela se afigura desvela-se porque o poético é o caminho essencial que abre a possibilidade do ente em seu ser. Como dar-se esse fenômeno de clareira do ente pelo poético da linguagem? Na obra *Passagem para o poético*: filosofia e poesia em Heidegger, Benedito Nunes (1992, p. 261) faz o seguinte apontamento:

> [...] mais diretamente do que qualquer outra arte, a poesia participa, pela palavra, que constitui sua matéria, do trabalho preliminar e mais primitivo do pensamento, como obra da linguagem. A poesia é o limiar da experiência artística em geral por ser, antes de tudo, o limiar da experiência pensante: um *poieín*, como *producere*, ponto de irrupção do ser na linguagem, que acede à palavra, e, portanto, também de interseção da linguagem com o pensamento.

O poético revela o que por si não se pode revelar, o mundo em sua totalidade. É a partir dessa clareira em específico que se abre a possibilidade da experiência da linguagem como experiência do Ser. Dada a concepção de Humboldt, cabe-nos indagar: como o Ser-aí pode experienciar a essência da linguagem? A linguagem assim definida, como "força do espírito" permanece ainda em sua definição tradicional, e aquilo que lhe é próprio como linguagem continua velado, não se mostra.

Como já vimos anteriormente, é na estreita ligação etimológica entre o mostrar e o poetizar que se associa o sentido de revelação entre ambos os fenômenos. Em *Hinos de Hölderlin*, §4 sobre a essência da poesia, Heidegger (2004, p. 33) já analisa o fenômeno do poético enquanto um dizer reforçado, ressaltado que, nas raízes de seu significado mais originário, significa um modo genuíno de revelação, um mostrar.

Sendo aceno que desencobre e ilumina, o poético é o que mais próximo se tem daquilo que está para além do mundo concreto do Ser-aí e ao mesmo tempo está contido nele. Seria então a linguagem que mantém o elo do poético com o homem? Assim, se faz necessário um movimento outro que nos aproxime mais do próprio da linguagem, sobretudo a análise da fala enquanto advento explícito da linguagem.

A fala insurge não apenas como passagem, mas ainda como marca daquilo que há de nos convocar, em sua vigência, para uma antecipação do que irá aparecer. Nesse sentido, um

elemento reunidor se dá como unidade entre aquilo que se fala, aqueles que falam e o que dizem, bem como o que se mantém não falado. Sobre essa encruzilhada de fenômenos e acontecimentos da linguagem, o filósofo diz:

> Chamaremos de rasgadura a unidade buscada do vigor da linguagem. Esse nome nos convida a visualizar com maior nitidez o próprio do vigor da linguagem. *Riss*, rasgo, é a mesma palavra que *ritzen*, riscar, arranhar. Conhecemos o "rasgo" comumente na forma negativa de uma fenda na parede. Sulcar, abrir sulcos e riscos. Os sulcos abrem a terra de maneira a abrigar a semeadura e o crescimento. A rasgadura é o todo dos rasgos daquele riscado que articula o entreaberto e o livre da linguagem (Heidegger, 2004, p. 201).

Na abertura de possibilidades da fala dá-se a linguagem. Mas em que sentido esse falar está em questão? A fala, enquanto articulação sonora fisiológica, realiza a passagem do que é dito para a linguagem através de um dizer em sua saga. A saga do dizer se relaciona com o poder mostrar e um encaminhar para o ver. No entanto, nem sempre esse mostrar emerge como desvelamento, podendo permanecer em seu mistério e falando por meio da linguagem como encalço.

Assim mesmo, o dizer é múltiplo, pois possui mais de uma configuração e diversas referências, designado por Heidegger como saga do dizer, para se referir ao vigor da linguagem em sua totalidade. Sendo tal fenômeno "mostrante" o vigor da linguagem, para além dos signos, a sua articulação já se encontra em vigência antes mesmo de os signos aparecerem. A partir dessa importante constatação que põe a linguagem, em seu próprio, como precedente da fala, advém a questão: ao que está entregue a linguagem antes da vigência do falar?

Falar é escuta em seu simultâneo pertencer-se. De modo que não é possível a fala sem a escuta que a precede, pois, como já estamos na linguagem e falamos a partir dela, é o próprio da linguagem que escutamos na fala que se mostra a nós na articulação e emaranhado da rasgadura. A escuta é o deixar-se dizer da linguagem.

Evidentemente, tal escuta não se restringe meramente ao efeito sonoro da fala, mas um aproximar-se do vigor da linguagem que antecede a linguagem como fala e a propicia como um caminho. É nesse caminho que se abriga o próprio da linguagem do qual só podemos acessar uma vez entregues à escuta da saga do dizer.

O dizer é, então, o caminho para o próprio da linguagem? A saga do dizer é possibilidade da linguagem como um mostrar. Não estático como um acervo de imagens de pronto uso, mas um movimentar que favorece o olhar novamente, ou seja, a tentativa de

(re)conhecer o familiar. Assim, se abre um modo de apropriar-se, aquilo que é próprio na linguagem. Mas, esse acontecimento apropriador não se justifica como uma causa nem se representa como a partir de uma coisa, senão partindo de si mesmo para ele próprio como um dar-se sendo. Heidegger analisa essa apropriação como uma concessão, no sentido de um doar-se-á;

> Aos mortais o acontecimento apropriador confere uma morada em sua essência, para que eles possam ser os que falam. Compreendendo a lei como a reunião do que vigora a cada vez no seu próprio, que deixa pertencer o que se pertence, o acontecimento apropriador seria então a mais simples e suave de todas as leis [...] de certo, o acontecimento apropriador não é a lei, no sentido de uma norma, que paira sobre nós em algum lugar; não é nenhuma prescrição que ordena e regula um processo. O acontecimento apropriador é a lei porque reúne e mantém os mortais no apropriar de sua essência. Porque o mostrar da saga do dizer é um tornar próprio, também o poder escutar, a saga do dizer, o pertencer à saga, depende do acontecimento apropriador (Heidegger, 2004, p. 208).

É porque o acontecimento apropriador lhe é próprio, que o homem dar-se à linguagem pela fala. Podemos compreender o sentido da fala enquanto resposta, pois tendo sido já fruto concedido de uma escuta condizente entre o que diz e a saga do dizer. Esse condizer é também o caminho para a linguagem onde se experimenta o seu próprio, ou seja, o caminho para a linguagem atravessa e é atravessado pelo acontecimento apropriador. É nesse sentido que nos remetemos ao poético como um modo mostrante desse encaminhar, que realiza a abertura do caminho por uma via inaugural ainda que se trate do mesmo.

CONCLUSÃO

Do ponto de vista do questionamento sobre a essência da arte, Heidegger indaga como a verdade se faz originária a partir da obra. Para tanto, ele ressalta as três teses em torno da compreensão tradicional do conceito de verdade: "1. O 'lugar' da verdade é o enunciado (o juízo). 2. A essência da verdade reside na 'concordância' entre o juízo e seu objeto. 3. Aristóteles não só indicou o juízo como o lugar originário da verdade, como também colocou em voga a definição da verdade como concordância" (Heidegger, 2015, p. 284).

De acordo com a primeira tese, a verdade de uma proposição ou juízo é que produz toda verdade. Os conceitos "proposição" e "juízo" são usados de modo similar para se referir à acepção clássica do que Aristóteles denomina de *logos apophantikos*, referindo-se à proposição que em si determina uma verdade ou falsidade. Nesse sentido, são as proposições

que, podendo ser verdadeiras ou falsas, constituem a verdade, e esta não pode existir fora da *lógica apophantika*.

Na segunda tese, a proposição ou juízo mantém sua verdade de acordo com o grau de correspondência para com as coisas do mundo que a constitui. Assim, tendo uma vez afirmado que o céu pintado de Van Gogh é estrelado, sua verdade se encontra na constatação visual do mesmo céu estrelado; se não o for, tal proposição decai em *status* de falsidade. E aqui, se encontra uma comunhão entre senso comum e ciência, em termos de concordância, em relação à verdade como adequação de uma proposição, que está associada à descrição coerente com a percepção do real. A terceira tese se refere a Aristóteles como o responsável pela fundação e permanência tradicional das duas primeiras teses.

Assim, das filosofias platônica e aristotélica, que norteiam majoritariamente o modelo de pensamento ocidental, estabeleceram-se duas teses gerais sobre o conceito de verdade: toda verdade consiste na verdade de uma proposição, e a verdade da proposição se baseia na adequação para com as coisas do mundo das quais faz referência.

A concepção filosófica moderna de Heidegger, marcada pela análise das teses dos gregos antigos, se põe na contramão do cerne da *verdade como proposição*, uma vez que a origem da verdade não está numa proposição em si, pois existe uma gama de aspectos da verdade que não cabem apenas à verdade de uma proposição. A respeito dessa tese, ele indaga:

> O que significa o termo "concordância"? A concordância de algo com algo tem o caráter formal da relação de algo com algo. Toda concordância e, assim também, toda 'verdade' é uma relação. Mas nem toda relação é uma concordância. Um sinal assinala para o assinalado. Assinalar é uma relação entre o sinal e o assinalado, mas não uma concordância. Decerto, nem toda concordância significa uma espécie de *convenientia*, tal como se fixou na definição da verdade (Heidegger, 2015, p. 286).

E como contraponto à segunda tese, a forma como a verdade se apresenta no seu pensamento não consiste em uma adequação, mas em um desvelamento. O que significam essas duas teses de Heidegger sobre a verdade? Onde estaria a verdade originária se não na proposição? Em que medida a verdade originária se revela por meio do desvelamento e não de uma adequação às coisas?

As primeiras pressuposições nesse sentido são de que deve haver um "estado" que antecede e torna possível a proposição e sua paridade com as coisas do mundo, constatando assim sua verdade ou falsidade em caso de incompatibilidade. Tal condição prévia existente nas coisas permite considerar que antes de emitir um juízo e uma proposição sobre uma coisa,

é preciso que ela já tenha se mostrado como tal, se desvelado e aparecido para o nosso horizonte de compreensão. Significa dizer que nossa relação com as coisas antecede qualquer juízo ou proposição enunciada, pois o que se pode vir a considerar, por meio da enunciação sobre a coisa, só pode ser feito a partir do prévio desvelamento da própria coisa.

A verdade, enquanto desvelamento, é um fenômeno primordial e essencial, uma vez que antecede o modo de denominação e enunciação das coisas. Visto no sentido que Heidegger dá ao objeto; ele nunca é em si mesmo, mas existe antes dentro de uma dinâmica de referências, onde cada coisa tende a se remeter a outra em um jogo de sentidos.

Assim, para que qualquer utensílio possa aparecer como tal, é necessário que antes o mundo já tenha se revelado como mundo. Como o mundo não se trata de um ente em específico, mas sim a totalidade deles, ele se mantém escondido na maioria das vezes, e não pode se desvelar como ente, mas faz parte fundamental da condição que permite com que um ente se desvele. A partir disso, e buscando reestabelecer a ligação entre arte e verdade, faz-se necessário perguntar: como ocorre desvelamento, ou seja, o acontecimento da verdade na arte? E nesse aceno, como se estabelece a poética enquanto experiência com o ser, ou seja, com a verdade originária?

Do ponto de vista ontológico, a analítica do pensamento do ser e do poético conduz à visão daquilo que geralmente se encontra velado. Uma vez que o ente se desvela, o mundo segue em seu comum encobrimento. A partir da obra de arte, o mundo do ente que nela se afigura desvela-se porque o poético é o caminho essencial para abertura do ente em seu ser. A poesia é, para Heidegger, o expoente máximo dessa abertura, acenando para a "poesia primordial"[6] (*Urpoesie*). Só a existência poética da obra de arte pode revelar o que por si não se pode revelar, o mundo em sua totalidade. É a partir dessa abertura em específico que nos é aberta alguma possibilidade de experiência com o Ser.

Em *O que é metafísica*?, Heidegger (1973a) declara que o ente é não apenas por surgir do ser, como já interpreta a metafísica tradicional, mas trata-se, de forma mais originária, do surgimento do ser que reside em sua própria verdade, e que se desdobra como o ser da verdade. Para além da interpretação metafísica, o filósofo analisa que:

[6] O termo '*Urpoesie'*, traduzido por Laura Moosburger (2007) por 'poesia primordial'. Utilizamos aqui a referência ao poético como com-posição, o hífen indicando o originário do poético, ou seja, a sua essência. A esse respeito, diz Heidegger (*apud* Moosburger, 2007, p. 55-56): "A linguagem não é composição por ser a poesia primordial *[Urpoesie],* mas sim, a poesia sucede a si mesma *[ereignet sich]* na linguagem porque esta resguarda *[verwahrt]* a essência originária da composição".

> Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença de tal maneira que, em si mesma, esse ser abre e mostra a quantas anda seu próprio ser. [...] como abertura, o compreender sempre alcança toda a constituição fundamental do *ser-no-mundo*. Como *poder-ser,* o *ser-em* é sempre um *poder-ser-no-mundo.* Este não apenas se abre como mundo, no sentido de possível significância, mas a liberação de tudo que é intramundano libera esse ente para suas possibilidades. O manual se descobre, então, como tal em sua utilidade, aplicabilidade e prejudicialidade (Heidegger, 2015, p. 204-205).

O manual é desde sempre um aparato constitutivo da experiência do ser-no-mundo, cujas interpretações podemos relacionar à produção e à técnica. Só o trato "prático" dessa questão pode pôr a verdade como abertura e fundamento.

A partir do apontamento da obra de arte como um múltiplo, que corresponde às possibilidades de mundo, é que se oferece o seu caminho em relação à verdade. Esse desígnio trata do que a obra tem como fundamento primordial, na via do seu desvelamento, a terra onde o Ser-aí está desde sua origem lançado. Nesse mesmo sentido primordial, podemos inferir que, em essência, a obra de arte não pode nunca ser técnica (no sentido da *Gestell*, em seu pôr-se em disponibilidade tudo que entende como fonte de produção), mas é, desde sempre, uma *techne*, ou seja, uma produção genuína. De modo recíproco, a arte se põe em obra de verdade, a verdade funda a arte como sendo a forma da existência historial.

Assim, a origem da obra de arte é também a origem do Ser-aí historial de uma comunidade, um povo, marcando o poético como conceito-chave fundamental para a essência da arte. Não se trata de buscar uma definição da essência do poético, mas traçar compreensões sobre esse fenômeno, cujo aspecto originário se remete à arte e à linguagem, considerando que, em determinadas medidas, tais produções se aproximam e se entrecruzam enquanto desvelamento do ser.

REFERÊNCIAS

HEIDEGGER, M. **A origem da obra de arte**. Tradução de Maria da Conceição Costa. Portugal: Edições 70, 2019.

HEIDEGGER, M. A origem da obra de arte. *In*: HEIDEGGER, M**. Caminhos de floresta** *(Holzwege).* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998. p. 5-94.

HEIDEGGER, M. **Hinos de Hölderlin**. Tradução de Lumir Nahodil. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

HEIDEGGER, M. O caminho para a linguagem. *In:* HEIDEGGER, M. **A caminho da linguagem**. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora universitária São Francisco, 2003. p. 191-215.

HEIDEGGER, M. Que é metafísica? *In*: HEIDEGGER, M. **Conferências e Escritos Filosóficos**. São Paulo: Nova Cultural, 1973a. (Coleção "Os Pensadores").

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 10. ed. Tradução de Márcia S.C. Petrópolis: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, M. Sobre a essência da verdade. *In*. HEIDEGGER, M. **Conferências e Escritos filosóficos**. Tradução e notas de Ernildo Stein. São Paulo: Abril Cultural, 1973b.

MOOSBURGER, Laura B. **"A origem da obra de arte" de Martin Heidegger**: tradução, comentário e notas. Orientador: Prof. Dr. André de Macedo Duarte. 2007. Dissertação (Mestrado) – Curso de Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

NUNES, Benedito. **Passagem para o poético**: filosofia e poesia em Heidegger. São Paulo: Ática, 1992.